

O PRINCÍPIO DA ARBITRARIEDADE E A REFERÊNCIA EM FERDINAND DE SAUSSURE

THE PRINCIPLE OF ARBITRARINESS AND REFERENCE IN FERDINAND DE SAUSSURE

Stefania Montes Henriques¹

Resumo: Em 1937 Édouard Pichon publicou o artigo “La Linguistique em France: problèmes et méthodes”, no qual acreditava denunciar um erro nas formulações saussurianas sobre o arbitrário linguístico. Dois anos mais tarde, Émile Benveniste (1939) publicou um artigo semelhante ao de Pichon (1937), intitulado “La Nature du signe linguistique”. Em resposta a estes dois trabalhos, Charles Bally publicou, em 1940, o artigo “L’arbitraire du signe – Valeur et signification”, que apresenta contra-argumentos em defesa do arbitrário saussuriano. É plausível afirmar que os argumentos de Pichon (1937) e Benveniste (1939) retomam a questão da referência na linguagem e, por tal motivo, pretendemos analisar este debate sobre o arbitrário linguístico à luz do manuscrito saussuriano “Notes Item. Sôme et Sème”, no qual Saussure explicita o fenômeno da onímica e as especificidades dos nomes próprios e geográficos como categorias linguísticas que estabelecem uma relação com o objeto físico.

Palavras-chave: manuscritos; arbitrariedade; Saussure;

Abstract: In 1937 Édouard Pichon published the article “La Linguistique en France: Problèmes et méthodes”, in which he believed to denounce a mistake in the saussurian formulations of the linguistic arbitrariness. Two years later, Émile Benveniste (1939) published an article similar to Pichon’s (1937), called “La Nature du signe linguistique”. In response to these two pieces of work, Charles Bally published in 1940, the article “L’arbitraire du signe – Valeur et signification”, in which presents counter-arguments defending the saussurian arbitrariness. It is reasonable to observe that Pichon (1937) and Benveniste’s (1939) arguments take up the issue of the language reference and, because of that, we intend to analyze this debate about the linguistic arbitrariness using the saussurian manuscript “Notes Item. Sôme et Sème”, in which Saussure explains the onime phenomenon and the specificities of the proper names and geographic ones, which would be linguistic categories that establishes a relation with the physical object.

Key-words: manuscripts; arbitrariness; Saussure;

INTRODUÇÃO

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/PPGEL), MG, Brasil. temontess@gmail.com

O princípio da arbitrariedade envolve discussões sobre sua natureza desde a Antiguidade Clássica. No diálogo de Platão intitulado Crátilo, por exemplo, a discussão gira em torno da natureza das relações estabelecidas entre os nomes e os objetos. Enquanto Hermógenes defende que a relação estabelecida entre língua e objetos é arbitrária, Crátilo afirma que os nomes espelham a natureza das coisas. Estas perspectivas são opostas àquela defendida no Curso de Linguística Geral¹, na medida em que Saussure, ao afirmar que a língua possui uma ordem própria, efetua um desligamento do objeto físico no funcionamento linguístico. Consequentemente, o princípio da arbitrariedade é deslocado para uma relação interna ao signo: entre significante e significado.

A discussão sobre a arbitrariedade envolve, portanto, uma postura com relação à questão da referência. De acordo com Gadet (1990) o princípio do arbitrário pode ser defendido em dois âmbitos distintos: o filosófico e o linguístico. Segundo a autora,

Mais il faut bien voir que les termes du débat ne sont pas les mêmes. L'arbitraire philosophique, en effet, concerne le lien entre une chose et son nom. Alors, que l'arbitraire linguistique est le principe selon lequel un signifiant comme [sœr] n'est lié par aucun rapport "interieur" au signifié "sœur: " Le lien unissant le signifiant au signifié est radicalement arbitraire", trouve-t-on dans les sources. (GADET, 1990 *apud* SILVA, 2008)²

Dessa forma, Saussure insere-se na abordagem linguística do arbitrário, visto que exclui de sua teorização o objeto material e desloca o princípio da arbitrariedade – anteriormente existente entre nome e objeto – para uma relação interna ao signo: entre significante e significado. Há, portanto, uma mudança de paradigma: a realidade passa a não desempenhar nenhum papel no funcionamento linguístico e a língua deve ser alçada a objeto de estudo, sendo considerada como detentora de sua própria ordem. Assim, a língua tem uma ordem própria e, consequentemente, elementos de qualquer outra ordem exterior não lhe influenciam.

Partimos do ponto de vista de que é o deslocamento do princípio da arbitrariedade que consolida o desligamento da referência do funcionamento linguístico. Isto por que o arbitrário saussuriano é considerado como o princípio primeiro do sistema linguístico e é justamente por sua natureza interna ao signo que houve a possibilidade de desenvolver a teoria do valor. Quanto à importância desse princípio na teoria da língua, Sechehaye (1930) afirma que: l'arbitraire du signe est la condition

essentielle de la conception de la langue comme une pure forme. ³(SECHEHAYE, 1930, *apud* Engler, 1962, p. 19).

As questões que permeiam este artigo serão, portanto, as seguintes: qual é o lugar do princípio da arbitrariedade? Pode-se pensar que, tanto a relação entre signo e nome quanto aquela estabelecida entre significante e significado, são arbitrarias? Ou que aceitar o arbitrário linguístico implicaria em negar o arbitrário filosófico?

De acordo com Engler (1962), o princípio da arbitrariedade é um dos princípios mais controversos e debatidos do CLG. O primeiro artigo sobre esse assunto foi publicado no *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, por Édouard Pichon, intitulado “La Linguistique en France: problèmes et méthodes” (1937). Seguindo a mesma linha de raciocínio de Pichon (1937), Émile Benveniste publica na revista *Acta linguistica* o artigo “Nature du signe linguistique” (1939), no qual desenvolve os argumentos propostos por Pichon (1937) e acrescenta outros que abarcam de maneira mais completa a complexidade do problema do arbitrário saussuriano.

Nos dois artigos supracitados, o foco da argumentação contra o princípio da arbitrariedade versa sobre a suposta ambiguidade das formulações saussurianas. Como veremos no desenvolvimento deste artigo, os dois linguistas desenvolvem argumentos análogos no que diz respeito à recorrência – mesmo que inconsciente – ao objeto físico nas formulações saussurianas do arbitrário. Em resposta a essas críticas, Charles Bally publica, em 1940, um artigo intitulado “L’arbitraire du signe – Valeur et signification”, no qual dá contra-argumentos em defesa da concepção saussuriana de arbitrariedade.

O debate em torno desse princípio saussuriano foi tão intenso que em 1962 no *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Rudolf Engler publica o artigo “Theorie et critique d’un principe saussurien: l’arbitraire du signe”, no qual expõe trechos de artigos que trataram do princípio da arbitrariedade, ora defendendo o ponto de vista adotado por F. de Saussure, ora criticando-o.

Neste artigo não pretendemos criticar ou concordar com o princípio da arbitrariedade tal como é concebido por Saussure. Na verdade, analisaremos os argumentos presentes no debate entre Pichon (1937), Benveniste (1939) e Bally (1940), à luz do manuscrito saussuriano “Notes Item. Sôme et sème” arquivado sob o número Ms. Fr. 3951, na Biblioteca de Genebra⁴. O estudo desse manuscrito é pertinente para o debate, tendo em vista que possui trechos nos quais Saussure faz considerações acerca do fenômeno da onímica e sobre a propriedade de fixidez oferecida pelos nomes

próprios e geográficos. Como foi dito anteriormente, tanto as críticas de Pichon (1937) quanto as de Benveniste (1939) tocam na questão da interferência do objeto físico nas considerações sobre o princípio da arbitrariedade, o que nos leva a crer que a utilização desse manuscrito possa clarificar alguns aspectos importantes deste debate.

Para tal, nosso artigo será dividido em quatro partes: i. Exposição dos conceitos básicos envolvidos no princípio da arbitrariedade tal como é defendido por Saussure no CLG; ii. Análise dos argumentos de Pichon (1937) no artigo “La Linguistique em France: problèmes et méthodes” e de Benveniste (1939) no artigo “A natureza do signo linguístico”; iii. Explicitação dos contra-argumentos de Bally (1940) presentes no artigo “L’arbitraire du signe – Valeur et signification” e, por fim, iv. Uma breve conclusão na qual teceremos considerações acerca da questão da arbitrariedade e da referência e da possibilidade de perceber a última na teorização saussuriana.

1. O ARBITRÁRIO LINGUÍSTICO E A ORDEM PRÓPRIA DA LÍNGUA

Na concepção saussuriana, a língua é um fenômeno social que se modifica continuamente pela ação do tempo, mas que os indivíduos isolados não têm a capacidade de alterá-la. Sendo assim, a língua é um sistema de signos que só existe pelo fato de ser essencialmente social, ou nas palavras do próprio autor “a língua reside na alma de uma massa falante, o que não é caso da fala.” (SAUSSURE, 2004, p. 287)

Como sistema, a língua compõe-se de uma multidão de signos que, por sua vez, são constituídos de significante e significado. Esses dois termos são ambos psíquicos e negativos, não há possibilidade de isolá-los, visto que um existe em função do outro: só há significante se este se relaciona com um significado e vice-versa.

Antes do aparecimento da língua haveria, segundo esse autor, dois planos caóticos e amorfos: o plano das ideias e o plano dos sons. A língua surge com o objetivo de organizá-los, selecionando um fragmento das idéias e associando-o a um fragmento dos sons. Essa associação é arbitrária, entretanto, a partir do momento no qual ocorre, o falante não possui a liberdade de alterá-la.

O princípio da arbitrariedade é o princípio primeiro do sistema linguístico, o que nos leva a crer que é essencialmente por intermédio deste princípio que o desenvolvimento da teoria saussuriana é possível. No capítulo destinado à teoria do

valor, Saussure explicita, ao tratar da ligação entre uma determinada imagem acústica a uma ideia que:

Não só os dois domínios ligados pelo fato linguístico são confusos e amorfos como a escolha que se decide por tal porção acústica para tal ideia é perfeitamente arbitrária. Se esse não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora. Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis por que o vínculo entre uma ideia e um som é radicalmente arbitrário. (SAUSSURE, 1979, p. 132).

O arbitrário saussuriano consiste, basicamente, em uma ligação imotivada entre o significante e o significado. Dessa forma, não há nenhuma propriedade no significante [casa] que motive a sua ligação ao significado “casa”, de maneira que outro significante poderia ocupar satisfatoriamente o papel de imagem acústica deste significado. Saussure explicita, com respeito a essa *imotivação*, que sua prova maior é justamente a diferença entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes (SAUSSURE, *ibidem*, p. 82).

Ainda no que diz respeito à arbitrariedade, temos que há a divisão entre arbitrário absoluto e arbitrário relativo. Quanto a isso, o autor explicita que não há na língua nada que não seja totalmente imotivado e isso se dá justamente por que o espírito sente a necessidade de colocar uma regularidade em certas massas de signos (SAUSSURE, *ibidem*, p. 154). Sendo assim, em cada língua existe o que é radicalmente arbitrário (absoluto) e o que é parcialmente motivado (relativo). Um signo imotivado seria, por exemplo, o signo *pedra*, no qual a ligação entre significante e significado é totalmente arbitrária. Em contrapartida, um signo como *vaqueiro* é relativamente motivado.

Esta limitação do arbitrário aconteceria devido às relações associativas e sintagmáticas que estabeleceriam o sentido linguístico. A ordem sintagmática consistiria nas relações de oposição estabelecidas entre um termo e aquele que o precede ou que o segue. É isso que impede, por exemplo, que seja impossível pronunciar dois fonemas ao mesmo tempo. Já a ordem associativa é aquela na qual as palavras que têm algo em comum agrupam-se em nossa memória como, por exemplo, palavras que terminam com o sufixo *-eira*: macieira, figueira, etc.

O que nos interessa no arbitrário saussuriano, além de sua natureza interna ao signo, é a sua importância para o sistema linguístico. Como dissemos, é pela ligação entre significante e significado ser arbitrária que toda a teoria saussuriana e, principalmente, a teoria do valor são possíveis. Se os signos já trouxessem em si mesmos uma positividade – advinda de uma relação com os objetos ou de uma

motivação na ligação entre significante e significado – não haveria a possibilidade de se pensar na língua como um sistema de valores relativos, opositivos e diferenciais. Quanto a isso, Bally e Sechehaye (1928) afirmam que: (...) l'arbitraire est le ciment de l'édifice linguistique (BALLY et SECHEHAYE, 1928, p. 47-48 apud ENGLER, 1962, p. 18)⁵. É com essa perspectiva que direcionamos nossa análise para a argumentação desenvolvida por Édouard Pichon e Émile Benveniste sobre as ambiguidades das formulações saussurianas.

2. A AMBIGUIDADE DA TESE SAUSSURIANA: ÉDOUARD PICHON E ÉMILE BENVENISTE

Os argumentos que serão analisados neste tópico dizem respeito às formulações de Édouard Pichon (1937) contidas no artigo “La Linguistique em France: problèmes et méthodes” e de Émile Benveniste (2005) no artigo “A natureza do signo linguístico”, publicado originalmente na Revista *Acta Linguistica*, em 1939 e incluído na obra “Problemas de Linguística Geral I” em 2005. Restringiremo-nos a analisar os principais pontos da argumentação desses autores que toquem, principalmente, nas ambiguidades das formulações saussurianas em relação à questão da referência na linguagem.

Assim, Pichon (1937) afirma que o erro de Saussure consiste:

(...) en ce qu'il ne s'aperçoit pas qu'il introduit en cours de démonstration des éléments qui n'étaient pas dans l'énoncé. Il définit d'abord le signifié comme étant vidé e générale de boeuf ; il se comporte ensuite comme si ce signifié était y objet appelé boeuf ou du moins vintage sensorielle d'un boeuf. Or ce sont là deux choses absolument différentes. (PICHON, 1937, p. 26 apud).⁶

De acordo com Pichon (1937) o “erro” principal de Saussure consiste em inserir em sua teorização elementos que não apareceram antes. Dessa forma, se Saussure utilizava anteriormente o significado “boi” com o sentido de ideia geral do signo boi, ele parece atribuir a esse termo, segundo Pichon (1937) outra conceituação ao tratar do arbitrário linguístico: a de significado como objeto físico – ou imagem sensorial. A passagem a qual Pichon (1937) se refere é aquela em que Saussure afirma que uma das provas da existência do arbitrário é a diferença entre as línguas:

(...) como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *bouef* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro. (SAUSSURE, 1979, p. 82).

É justamente essa passagem que é retomada por Benveniste (1939/2005) como base para sua argumentação. Segundo este autor, ao afirmar que a ligação entre significado e significante é arbitrária e ambos os termos não têm nenhuma ligação natural na realidade, Saussure recorre, inconscientemente, a um terceiro termo que é justamente o próprio objeto. Para justificar essa afirmação, Benveniste (1939/2005) explicita que ao falar da diferença entre *bœuf* e *ochs* referimo-nos contra a vontade ao fato de que esses termos designam a mesma realidade e, sendo assim, a possibilidade de se julgar a sua relação como arbitrária advém do fato de recorrermos à coisa “substancial”. (BENVENISTE, 2005, p.54)

Baseando-se nisto, Benveniste afirma que a relação entre significado e significante não é arbitrária, e sim *necessária*. Isso se justifica pelo fato de o conceito “boi” ser idêntico na consciência à sequência sonora *boi*. Juntos, conceito e imagem acústica são impressos na consciência e, portanto, são indissociáveis (BENVENISTE, *ibidem*, p. 55).

Como dissemos, os argumentos de Pichon (1937) e Benveniste (2005) são análogos na medida em que versam, principalmente, sobre os seguintes aspectos: i. Saussure teria recorrido ao objeto físico no desenvolvimento de sua noção de arbitrariedade e ii. Se o princípio do arbitrário é, na verdade, localizado na relação entre signo e objeto, então a relação entre significante e significado passa a ser necessária. A diferença existente nas críticas destes dois autores é unicamente o fato de que Benveniste (2005) percebe, em oposição à passagem ambígua referente ao arbitrário, toda a essência da teoria saussuriana como um sistema de valores puros. De acordo com De Mauro (1985):

Benveniste insiste lui aussi sur le fait que le rapport entre signifiant et signifié est "nécessaire" et non pas arbitraire ; mais à la différence de Pichon (...), Benveniste souligne (avec raison) le contraste entre le principe de l'arbitraire compris de façon conventionnelle (...) et le reste de la pensée saussurienne. (DE MAURO, 1985, p. 444).⁷

A questão é que ao afirmar esse deslocamento do princípio primeiro do sistema linguístico saussuriano, afirma-se também que Saussure partilha de uma concepção convencionalista da linguagem – que é alvo de críticas no CLG. Se lembrarmos o início do capítulo “A Natureza do signo linguístico”, perceberemos que a crítica

direcionada à concepção de língua enquanto nomenclatura é aquela defendida pelos filósofos da linguagem no fim do séc. XIX e que, ao afirmar que a relação entre significante e significado é arbitrária, Saussure exclui de sua teorização a questão do convencionalismo.⁸ Dessa forma, o que nos parece evidente é que uma única passagem “ambígua” do CLG não é suficiente para desmontar toda a estrutura da teoria saussuriana.

3. EM DEFESA DE SAUSSURE: CHARLES BALLY E O ARBITRÁRIO SAUSSURIANO

O objetivo principal de Bally (1940) no artigo “L’arbitraire du signe: valeur et signification” é refutar os argumentos de Pichon (1937) e Benveniste (1939/2005). Bally (1940) inicia seu artigo afirmando que, por muitas vezes, Saussure é recriminado ao afirmar que a união entre significante e significado é arbitrária, mas não define explicitamente o que seria o conceito de “significado”. Apesar disso, Bally (1940) afirma que, ao se retomar o CLG, não haveria dúvidas de que o significado é uma entidade psíquica que se relaciona com o significante. Entretanto, de acordo com esse linguista, aparentemente Saussure se contradiz gravemente ao explicitar, no que diz respeito arbitrário do signo, que esta noção deve ser entendida no sentido de “imotivação”: “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.” (SAUSSURE, 1979, p. 83).

A contradição a qual Bally (1940) se refere, repousa sobre o conceito de “realidade” utilizado por Saussure: “Il est bien évident que "réalité" ne désigne pas ici l’objet réel, par exemple l’arbre que je vois en ce moment devant ma fenêtre, mais le caractère logique et nécessaire d’une union fondée en nature.” (BALLY, 1940, p. 194).⁹

Mas, o que deve ser ressaltado é que ao utilizar o termo “realidade”, Saussure não se refere ao domínio dos objetos reais, mas ao caráter lógico e necessário de uma união fundada *in nature*. Dessa forma, o significado em si não possui relação com o objeto real porque é um conceito virtual e não uma representação sensorial. Esta distinção efetuada por Bally (1940) toca na questão da referência na linguagem, tendo em vista que a reflexão da representação sensorial – que seria o objeto físico – seria a significação objetiva, enquanto que a reflexão sobre o conceito virtual – ligado à memória dos falantes – consistiria no valor subjetivo ou simplesmente no *valor*.

Um falante de uma língua não consegue diferenciar o valor subjetivo da significação. Entretanto, o linguista deve fazê-lo cuidadosamente, tendo em vista que de acordo com Bally, o valor manifesta-se na língua enquanto que a significação advém da fala. Dessa forma, o mecanismo linguístico pelo qual os signos estabelecem relações é responsável pelo valor que esses signos adquirem no sistema e o processo de designação/referência, por sua vez, estaria no âmbito da fala. Como exemplo desta distinção, podemos citar a palavra “casa”: de uma perspectiva da língua, o signo “casa” evocaria outros signos com os quais estabelece relações (lar/casa/moradia); na perspectiva da fala o mesmo signo estaria inserido no discurso (A minha casa está reformando). Assim, c'est seulement dans la parole, dans le discours, que le signe, par contact avec la réalité, a une signification. (BALLY, 1940, p. 195).

Então Saussure haveria confundido valor e significação? De acordo com Bally (1940) isso seria praticamente impossível, tendo em vista que foi o genebrino que criou esses conceitos. Além disso, se remontarmos ao CLG, perceberemos que esta distinção já estava presente:

O português *carneiro* ou o francês *mouton* podem ter a mesma significação que o inglês *sheep*, mas não o mesmo valor, isso por várias razões, em particular porque, ao falar de uma porção de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz *mutton* e não *sheep*. A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou *carneiro* se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa. (SAUSSURE, 1979, p. 134). [grifos do autor]

Assim, podemos afirmar que o campo associativo no qual a palavra “mouton” está inserida é diferente do campo associativo que envolve a palavra “sheep” e isto nos leva a concordar com Bally (1940) no que diz respeito ao valor que se manifesta pela língua e a representação sensorial que se manifesta pela fala.

Após explicitar esta diferenciação, Bally inicia sua contra-argumentação em defesa do arbitrário saussuriano. É válido afirmar que seus argumentos giram em torno, principalmente, do caráter necessário atribuído à relação entre significante e significado e defendido por Pichon(1937) e Benveniste (1939). Entretanto, Bally (1940) explicita que afirmar que a relação entre significante e significado é necessária, não passa de um mal entendido fundado no hábito. Devido à reprodução incessante de uma mesma associação entre significante e significado, somos tentados a acreditar que o vínculo estabelecido por estas duas entidades psíquicas é necessário e não arbitrário. Seria parecido, por exemplo, com a afirmação de que o sol nascerá amanhã porque nasce

todos os dias. Não há, portanto, nenhum aparato lógico que indique que a associação destes dois elementos é necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DEBATE SOBRE O ARBITRÁRIO À LUZ DOS MANUSCRITOS

Neste artigo propomo-nos a relembrar o debate acerca do arbitrário linguístico, estabelecido por Pichon (1937), Benveniste (1939) e Bally (1940). Este debate desempenhou um papel importante na reflexão sobre as formulações saussurianas e sobre a questão da referência na linguagem.

Após a explicitação dos argumentos e contra-argumentos destes autores, achamos pertinente inserir neste debate alguns trechos do manuscrito saussuriano “Notes Item. Sème et some” tendo em vista que ele toca na questão da onímica – caso em que os signos possuem um terceiro elemento em sua constituição – e na questão dos nomes próprios e geográficos que apresentam uma certa fixidez com relação aos objetos aos quais se referem.

Além disso, é pertinente justificar a escolha desse manuscrito. De acordo com Testenoire (2008), há indícios de que no início do séc. XX, especificamente de 1900 à 1904, Saussure efetuou um estudo aprofundado sobre a categoria linguística dos nomes próprios e geográficos. O manuscrito que utilizaremos possui uma menção à obra “Essai de Sémantique” de M. Bréal, publicada em 1897, o que nos leva a crer que ele pertence ao conjunto de estudos sobre o nome próprio do período supracitado.

Como foi visto anteriormente, o signo saussuriano é composto de significante e significado, ambos psíquicos e unidos de maneira arbitrária. É justamente pela relação entre estes dois termos ser arbitrária que todo o desenvolvimento da teoria saussuriana é possível, inclusive a teoria do valor. Isto porque, a partir do momento em que há arbitrariedade, há a possibilidade do signo ser estabelecido por meio das relações que ele mantém com os outros signos do sistema. Se, ao contrário, o signo possuir algum tipo de motivação, a probabilidade que ele tem de se afastar do sistema é maior devido à sua natureza positiva.

No manuscrito “Notes Item. Sôme et sème”, Saussure explicita que há um caso particular em que o signo possui um terceiro elemento em sua constituição, a saber, a consciência que este signo se refere a um objeto exterior:

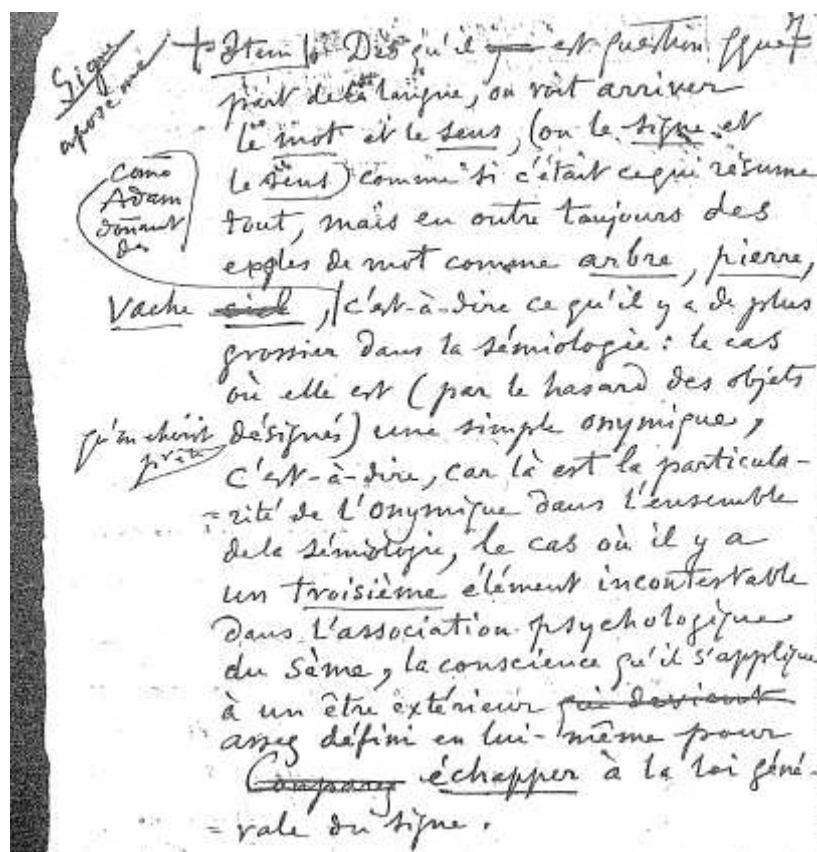


Figura 1. Excerto "Notes Item", p. 7

Item. Des qu'il ---- est question quelque part de la langue, on voit arriver le mot et le sens (ou le signe et le sème) comme si c'était ce que resume tout, mais en outre toujours des exemples de mot comme arbre, pierre, vache, comme Adam donnent des [] c'est-à-dire qu'il y a de plus grossier dans la sémiologie: le cas où elle est (par hasard des objets qu'on choisit pour être désignés) une simple onymique, c'est-à-dire, car là est la particularité de l'onymique dans l'ensemble de la sémiologie, le cas où il y a un troisième élément incontestable dans l'association psychologique du sème, la conscience qu'il s'applique à un être extérieur qui est assez défini en lui-même pour comparer échapper à loi générale du signe.¹⁰

Nesse trecho, Saussure faz uma crítica à concepção de língua enquanto nomenclatura ao afirmar que quando um signo refere-se a um terceiro elemento exterior ao sistema linguístico há o caso mais grosseiro da semiologia. Outro aspecto interessante é o fato de que o linguista utiliza como exemplos do fenômeno da onímica substantivos comuns, que seriam utilizados posteriormente para confirmar a tese do arbitrário linguístico. Mas o mais importante consiste na asserção de que esse tipo de signo “escapa à lei geral do signo”.

Como vimos no desenvolvimento deste artigo, o princípio da arbitrariedade é o axioma da teoria saussuriana da língua. E, parafraseando Bally e Sechehaye (cf.

BALLY et SECHEHAYE, 1928, p. 47-48 apud ENGLER, 1962, p. 18), se um signo não é arbitrário, ele não pertencerá ao sistema linguístico, já que não poderá estabelecer relações negativas e diferenciais com os outros signos do sistema.

Em outro trecho, não menos importante, Saussure insere em suas considerações as categorias linguísticas dos nomes próprios e geográficos¹¹. Alguns objetores poderiam argumentar que o conceito de nome utilizado pelo linguista não é condizente com aquele utilizado pelos filósofos da linguagem. Entretanto, se trouxermos para o debate a definição mesma de nome, perceberemos que sua característica fundamental – tanto do ponto de vista linguístico quanto filosófico – é “estar por objetos”, isto é, designar objetos presentes no mundo. (cf. HENRIQUES, 2011). Além disso, no trecho abaixo, Saussure parece perceber que essa categoria linguística possui esta característica:

+ Item | Quoique nous ~~ne~~ voulions aborder
le moins possible le côté idéologique
du signe, il est bien évident que
si les idées de toute espèce offraient
une fixité...
Fixité seulement obtenue par
les noms géographiques

Figura 2. Excerto “Notes Item” p. 7

Item. Quoique nous ~~ne~~ voulions aborder le moins possible le côté idéologique du signe, il est bien évident que si les idées de toute espèce offraient une fixité []
Fixité seulement obtenue par les noms géographiques¹²

Neste excerto, Saussure abandona o conceito de onímica tal como foi formulado anteriormente e insere em suas considerações os nomes geográficos, admitindo que eles possuiriam uma característica de fixidez. Assim, o nome de um país, por exemplo, não muda constantemente porque isso não é conveniente aos habitantes deste país e dos países que o rodeiam. Além disso, deve-se ressaltar também que essa “fixidez” só é obtida, segundo Saussure, pelos topônimos e não por todos os signos de uma língua.

Esse excerto constata, mais uma vez, que essas categorias linguísticas que possuem uma ligação com os objetos do mundo escapam à lei geral do signo na medida

em que não se submeteriam – no caso dos nomes geográficos e próprios – à teoria do valor, por exemplo. Em contrapartida, se todos os signos oferecessem essa fixidez, a língua seria uma nomenclatura, ou seja, uma lista de etiquetas que nomeiam objetos e, conseqüentemente, a noção de “valor” seria impossível de ser concebida.

Assim, a importância do papel desenvolvido pelo arbitrário linguístico e a asserção de que signos que possuem relação com o mundo “escapam à lei geral dos signos”, leva-nos a concluir, talvez de maneira ainda incipiente, que a categoria dos nomes não estabeleceria relações com os outros signos do sistema e, conseqüentemente, não estariam no âmbito da língua, mas sim no âmbito da fala, na medida em que o processo de designação só acontece a partir do momento em que o signo é mobilizado pelo sujeito no discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, E. A natureza do signo linguístico. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005.

HENRIQUES, S. M. A categoria dos nomes e a referência: um estudo linguístico-filosófico. *Horizonte Científico*. Uberlândia, vol. 5, n. 1, p. 1-26, 2011.

PLATÃO. *Diálogos: Teeteto e Crátilo*. Trad. C. A. Nunes. Belém: Editora da UFPA, 1988.

PICHON, E. La linguistique en France: problèmes et méthodes. *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*. Paris, v.34, p.25-48, 1937.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. C. Bally e A. Sechehaye (orgs) com colaboração de A. Riedlinger, trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1979.

_____. *Cours de linguistique générale*. C. Bally e A. Sechehaye (orgs) avec la collaboration de A. Riedlinger. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot & Rivages, 1967.

_____. *Escritos de linguística geral*. S. Bouquet e R. Engler (orgs). São paulo: Cultrix, 2004.

SILVA, K. A. da. *Saussure e a questão da referência na linguagem*. Campinas, 2008. 130 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, 2008.

TESTENOIRE, P.Y. Le nom propre em débat au tournant du siècle (Whitney – Bréal - Saussure). Histoire, épistemologie, réflexivité. Paris, 2008. Disponível em: <<http://www.linguistiquefrancaise.org/articles/cmlf/pdf/2008/01/cmlf08040.pdf>>

Notas

1 Doravante CLG.

2 Mas é necessário perceber que os termos do debate não são os mesmos. O arbitrário filosófico, de fato, consiste na ligação entre uma coisa e seu nome. Então, o arbitrário linguístico é o princípio segundo o qual um significante como [irmã] não está ligado por nenhuma relação “interior” ao significado “irmã”: “A ligação que une o significante ao significado é radicalmente arbitrária”, encontramos nas fontes. (tradução nossa).

3 O arbitrário do signo é a condição essencial da língua como pura forma. (tradução nossa)

4 Os manuscritos utilizados neste trabalho foram selecionados e reproduzidos pela Profª Drª Eliane Mara Silveira, durante sua estada em Genebra, no período de 13 a 24 de junho de 1999, com o apoio financeiro do Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (FAEP-UNICAMP).

5 O arbitrário linguístico é o cimento do edifício linguístico. (tradução nossa)

6 (...) nisso que ele não percebe que introduz no desenvolvimento de sua demonstração elementos que não foram enunciados. Primeiro, ele define o significado como sendo a ideia vazia e geral de “boi”; depois, comporta-se como se o significado fosse o objeto chamado boi ou ao menos a imagem sensorial de um boi. Ora, são duas coisas completamente diferentes. (tradução nossa)

7 Benveniste também insiste sobre o fato de que a ligação entre significante e significado é “necessária” e não arbitrária; mas diferentemente de Pichon (...), Benveniste destaca (com razão) o contraste entre o princípio do arbitrário compreendido de maneira convencional (...) e o restante do pensamento saussuriano. (tradução nossa)

8 Não nos deteremos nas críticas referentes ao convencionalismo. O foco de nosso trabalho diz respeito à questão da referência e do arbitrário.

9 É bem evidente que “realidade” aqui não designa o objeto real, por exemplo, a árvore que vejo em frente a minha janela, mas o caráter lógico e necessário de uma união fundada naturalmente. (tradução nossa)

10 Quando está em questão alguma parte da língua sobrevém a palavra e o sentido (ou o signo e o sentido) como se isso resumisse tudo mas, além disso, exemplos de palavras como árvore, pedra, vaca, como Adão que dá [], ou seja, o que há de mais grosseiro na semiologia: o caso em que ela é (pelo acaso dos objetos que se escolhe para serem designados), uma simples onímica, ou seja, pois essa é a particularidade da onímica no conjunto da semiologia, o caso em que há um terceiro elemento incontestável na associação psicológica do sema, a consciência de que ele se aplica a um ser exterior bastante definido em si mesmo para escapar à lei geral do signo. (tradução nossa)

11 Partimos do ponto de vista de que tanto a categoria dos nomes próprios quanto a dos nomes geográficos fazem parte de uma categoria mais geral e abrangente que é a dos “nomes”. Essa categoria engloba outros tipos de substantivos, que estabelecem relações com o mundo real de maneiras distintas.

12 Embora queiramos abordar o menos possível o lado ideológico do signo, é bem evidente que se as ideias de toda espécie oferecessem uma fixidez ...[]

Fixidez obtida somente pelos nomes geográficos (tradução nossa)

Recebido em: 23/02/2012

Aceito em: 08/04/2012